

**APRENDER EM MEIO AO CONFLITO: A EDUCAÇÃO NO ORIENTE MÉDIO  
EM CONTEXTOS DE GUERRA**

**LEARNING AMIDST CONFLICT: EDUCATION IN THE MIDDLE EAST IN WAR  
CONTEXTS**

**APRENDIZAJE EN MEDIO DEL CONFLICTO: LA EDUCACIÓN EN ORIENTE  
MEDIO EN CONTEXTOS DE GUERRA**

 10.56238/revgeov17n4-001

**Jailana Souza Saraiva**

Mestre Educação e TIC's

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3110656580514375>

**Inácia Oliveira de Azevedo**

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1959448264262712>

**Melquizedec Arcos Rodrigues**

Doutor em Engenharia Mecânica

Instituição: Escola Superior de Tecnologia, Universidade Estadual do Amazonas (UEA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2325389016838433>

**Andreia Pereira Rocha Barbosa**

Especialista em tecnologias em educação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7356511749622118>

**Josean Santos Nascimento**

Especialista em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4077314324945573>

**Edmundo Santana de Souza**

Graduado em História

Instituição: Instituto de Ensino Superior de São Paulo (INESUSP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4188735290404805>

**Patricia da Silva Dias**

Mestre em Direito: Positivção e Concretização Jurídica dos Direitos Humanos

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7069403318517970>



**RESUMO**

A educação em zonas de conflito armado no Oriente Médio enfrenta desafios estruturais que transcendem a simples falta de recursos materiais, configurando-se como questão de sobrevivência intelectual e preservação identitária. Este estudo examina, mediante abordagem bibliográfica exploratória, como processos educacionais persistem, se transformam e se ressignificam em ambientes marcados pela violência sistemática, deslocamento populacional e fragmentação institucional. A pesquisa articula perspectivas de pedagogia crítica, estudos sobre resiliência educacional e análises geopolíticas para compreender mecanismos pelos quais aprendizagem ocorre apesar de, e frequentemente através de, contextos de guerra. Os resultados indicam que educação em conflito não representa mera continuidade de práticas pedagógicas tradicionais, mas reinvenção radical de processos de ensino-aprendizagem que incorporam trauma, mobilidade forçada e reconfiguração de autoridade educacional. Conclui-se que compreender educação em contextos de guerra exige descentramento de perspectivas ocidentais, reconhecimento de agência de educadores e estudantes em ambientes de precariedade extrema, e reconfiguração de políticas educacionais que considerem conflito não como exceção, mas como realidade estruturante de experiências educacionais contemporâneas.

**Palavras-chave:** Educação em Conflito. Oriente Médio. Pedagogia da Resiliência. Aprendizagem em Contextos de Guerra. Políticas Educacionais Humanitárias.

**ABSTRACT**

Education in armed conflict zones in the Middle East faces structural challenges that transcend mere material resource scarcity, configuring itself as a question of intellectual survival and identity preservation. This study examines, through an exploratory bibliographic approach, how educational processes persist, transform, and acquire new meaning in environments marked by systematic violence, forced displacement, and institutional fragmentation. The research articulates perspectives from critical pedagogy, studies on educational resilience, and geopolitical analyses to understand mechanisms through which learning occurs despite, and frequently through, contexts of war. The results indicate that education in conflict does not represent mere continuity of traditional pedagogical practices, but rather radical reinvention of teaching-learning processes that incorporate trauma, forced mobility, and reconfiguration of educational authority. It concludes that understanding education in conflict contexts requires decentering Western perspectives, recognizing the agency of educators and students in environments of extreme precariousness, and reconfiguring educational policies that consider conflict not as exception, but as a structuring reality of contemporary educational experiences.

**Keywords:** Education in Conflict. Middle East. Pedagogy of Resilience. Learning in War Contexts. Humanitarian Educational Policies.

**RESUMEN**

La educación en zonas de conflicto armado en Oriente Medio enfrenta desafíos estructurales que trascienden la simple falta de recursos materiales, configurándose como una cuestión de supervivencia intelectual y preservación de la identidad. Este estudio examina, mediante un enfoque bibliográfico exploratorio, cómo los procesos educativos persisten, se transforman y se resignifican en entornos marcados por la violencia sistemática, el desplazamiento de población y la fragmentación institucional. La investigación articula perspectivas de la pedagogía crítica, estudios sobre resiliencia educativa y análisis geopolíticos para comprender los mecanismos mediante los cuales el aprendizaje se produce a pesar de, y a menudo a través de, contextos de guerra. Los resultados indican que la educación en conflicto no representa una mera continuidad de las prácticas pedagógicas tradicionales, sino una reinención radical de los procesos de enseñanza-aprendizaje que incorporan el trauma, la movilidad forzada y la reconfiguración de la autoridad educativa. Se concluye que comprender la educación en



contextos de guerra requiere descentrar las perspectivas occidentales, reconocer la capacidad de acción de educadores y estudiantes en entornos de extrema precariedad y reconfigurar las políticas educativas que consideren el conflicto no como una excepción, sino como una realidad estructurante de las experiencias educativas contemporáneas.

**Palabras clave:** Educación en Conflicto. Oriente Medio. Pedagogía de la Resiliencia. Aprendizaje en Contextos de Guerra. Políticas Educativas Humanitarias.



## 1 INTRODUÇÃO

A educação no Oriente Médio contemporâneo não constitui fenômeno isolado de dinâmicas geopolíticas; ela emerge como campo de batalha onde conhecimento, identidade e futuro se entrelaçam sob pressão de conflitos armados que perduram há décadas. Quando escolas transformam-se em abrigos, quando professores lecionam sob ameaça de bombardeio, quando estudantes aprendem em campos de refugiados, a educação deixa de ser transmissão de conteúdos para tornar-se ato de resistência existencial. O paradoxo que estrutura este estudo reside em questão aparentemente simples, porém profundamente complexa: como aprender persiste quando as próprias condições de aprendizagem desaparecem?

A relevância desta investigação situa-se na lacuna entre narrativas humanitárias que romantizam resiliência educacional e realidades materiais de precariedade extrema que caracterizam sistemas educacionais em zonas de conflito. Organizações internacionais celebram histórias de crianças que estudam em tendas, de professores que ensinam sem recursos; contudo, essas narrativas frequentemente obscurecem violências estruturais, traumas psicológicos não tratados e impossibilidade de aprendizagem significativa em ambientes de insegurança permanente. A educação em conflito não é simplesmente educação em contexto adverso; ela é educação sob ocupação, sob bombardeio, sob fome, sob luto coletivo.

Knijnik (2020, p. 355) argumenta que "liberdade educacional constitui direito fundamental que transcende fronteiras políticas e ideológicas, exigindo proteção mesmo em contextos onde autoridades estatais se mostram incapazes ou desinteressadas em garanti-la". Essa reflexão aponta para dimensão ética que orienta este estudo: educação em conflito não é questão técnica de metodologia ou recursos, mas questão política de direitos humanos e dignidade. Quando crianças palestinas, sírias, iraquianas, iemenitas são privadas de educação não por escolha, mas por violência estrutural, a comunidade internacional enfrenta fracasso moral que transcende estatísticas de matrículas.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar criticamente como processos educacionais se desenvolvem, transformam-se e ressignificam-se em contextos de guerra no Oriente Médio, identificando mecanismos de resiliência, adaptação e resistência que caracterizam educação em ambientes de conflito armado. Os objetivos específicos compreendem: (1) caracterizar dimensões estruturais de educação em zonas de conflito no Oriente Médio; (2) examinar como pedagogias se reconfigurem sob pressão de violência sistemática; (3) identificar agências de educadores e estudantes na manutenção de processos educacionais; (4) propor perspectivas teóricas que reconheçam educação em conflito como campo legítimo de investigação acadêmica.

Este trabalho organiza-se em movimento argumentativo que progride do geral para o específico. A introdução contextualiza problema e estabelece objetivos. O referencial teórico desenvolve fundamentos conceituais sobre educação em conflito, pedagogia crítica e resiliência



educacional. A metodologia descreve abordagem bibliográfica exploratória. Os resultados e discussão apresentam achados de literatura, relacionando-os criticamente com tema central. As considerações finais sintetizam contribuições, limitações e perspectivas futuras para pesquisa e prática educacional em contextos de guerra.

O quadro acima organiza, em perspectiva temporal, produções científicas que dialogam com temas centrais da gestão de pessoas, comportamento organizacional, saúde, educação e sustentabilidade, permitindo visualizar a evolução das discussões ao longo dos anos. Essa organização facilita identificar tendências, mudanças de foco e consolidação de conceitos, além de evidenciar como áreas como diversidade, liderança, justiça organizacional, engajamento, gestão do conhecimento e ESG foram se articulando com práticas de gestão e estratégia. Ao sintetizar contribuições-chave de cada obra, o quadro funciona como um mapa de referência rápida para fundamentar trabalhos acadêmicos, projetos organizacionais e pesquisas futuras, reduzindo dispersão e favorecendo leituras mais direcionadas e críticas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO EM CONTEXTOS DE CONFLITO**

A educação constitui direito humano fundamental reconhecido em instrumentos internacionais desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), porém sua garantia em contextos de conflito armado permanece como desafio que expõe fragilidades de sistemas de proteção internacional. Quando guerra irrompe, educação frequentemente torna-se primeira vítima, não por acaso, mas por lógica de conflito que reconhece poder transformador de conhecimento e, portanto, busca destruí-lo. Escolas são bombardeadas, professores são assassinados, currículos são reescritos por forças ocupantes, e estudantes são recrutados como combatentes. Essa violência contra educação não é colateral; ela é estratégica.

Cani (2020, p. e38183) observa que "tecnologias digitais móveis abrem possibilidades de ensino de línguas em contextos onde acesso a educação formal é limitado ou impossível". Essa observação, embora originária de contexto de educação linguística, aponta para dimensão emergente de educação em conflito: quando instituições educacionais desaparecem, tecnologia oferece alternativa de continuidade, ainda que precária. Contudo, essa possibilidade permanece acessível apenas para pequena fração de população em zonas de conflito, aquela que possui dispositivos móveis, conexão à internet e segurança suficiente para utilizá-los. Para maioria, educação em conflito significa ausência, não alternativa.

Correia e Cid (2021, p. 5) argumentam que "avaliação de aprendizagens deve considerar contextos específicos nos quais aprendizagem ocorre, reconhecendo que processos avaliativos não são neutros, mas refletem valores e prioridades de quem avalia". Essa perspectiva crítica revela-se



particularmente relevante em contextos de conflito, onde avaliação educacional frequentemente serve a objetivos políticos de ocupantes ou de grupos armados, não a desenvolvimento integral de estudantes. Quando currículos são impostos por força, quando avaliações medem lealdade política em vez de aprendizagem, educação converte-se em ferramenta de dominação, não de libertação.

## 2.2 PEDAGOGIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS DE OPRESSÃO

Paulo Freire desenvolveu conceito de pedagogia crítica que reconhece educação como prática política, nunca neutra, sempre envolvida em processos de humanização ou desumanização. Em contextos de conflito, essa perspectiva adquire urgência particular: educação pode servir a perpetuação de violência, reproduzindo narrativas de ódio e desumanização do outro, ou pode servir a resistência, cultivando consciência crítica e imaginação de futuros alternativos. A escolha entre essas possibilidades não é individual, mas estrutural, determinada por quem controla instituições educacionais e por que objetivos.

Corrêa (2020, p. 399) demonstra que "aprendizagem de segunda língua por meio de educação online aberta permite que estudantes em contextos de mobilidade forçada mantenham conexão com línguas maternas e culturas de origem". Essa possibilidade revela-se particularmente relevante para crianças refugiadas que enfrentam pressão de assimilação em países de acolhimento, frequentemente perdendo conexão com identidades linguísticas e culturais. Educação online aberta oferece espaço onde identidades podem ser mantidas e cultivadas, ainda que de forma fragmentada e precária.

Darroz, Nicolodi e Rosa (2021, p. 223) argumentam que "aprender ensinando constitui estratégia pedagógica que inverte hierarquias tradicionais de conhecimento, permitindo que estudantes assumam papel de educadores". Em contextos de conflito, essa inversão adquire significado particular: quando professores formais desaparecem, quando instituições educacionais são destruídas, estudantes mais velhos frequentemente assumem papel de educadores para crianças mais jovens, transmitindo conhecimentos e habilidades em ambientes de precariedade extrema. Essa pedagogia de pares não é escolha pedagógica deliberada, mas resposta criativa a impossibilidade de educação formal.

## 2.3 RESILIÊNCIA EDUCACIONAL E AGÊNCIA EM AMBIENTES DE PRECARIIDADE

Resiliência educacional não constitui propriedade individual de estudantes ou professores que "superam" adversidades; ela emerge como processo coletivo de adaptação, resistência e reinvenção que ocorre quando comunidades enfrentam ameaças estruturais à educação. Em contextos de conflito, resiliência educacional manifesta-se em múltiplas formas: professores que continuam lecionando sem salários, estudantes que estudam à luz de velas quando eletricidade é cortada, comunidades que criam escolas clandestinas quando educação formal é proibida.



Ferreira-Costa et al. (2023, p. 138) observam que "diálogos pertinentes entre educadores constituem espaço onde conhecimentos são compartilhados, práticas são refletidas e inovações pedagógicas emergem". Esses diálogos adquirem dimensão política em contextos de conflito: quando educadores de diferentes comunidades, religiões ou nacionalidades dialogam apesar de conflitos que as separam, educação torna-se ato de paz, não apenas transmissão de conteúdos. Esses diálogos frequentemente ocorrem em espaços marginais, em redes informais, em encontros clandestinos, mas sua importância para manutenção de humanidade compartilhada permanece inestimável.

Freitas e Neto (2023, p. 705) demonstram que "gestos no processo de ensino-aprendizagem comunicam significados que transcendem linguagem verbal, permitindo que aprendizagem ocorra mesmo quando comunicação verbal é limitada ou impossível". Em contextos de conflito onde trauma, medo e luto afetam capacidade de comunicação verbal, gestos adquirem importância pedagógica particular. Professores que abraçam estudantes traumatizados, que tocam ombros de crianças assustadas, que utilizam gestos para transmitir segurança e cuidado, estão engajados em pedagogia do corpo que reconhece educação como prática relacional, não apenas transmissão de informações.

## 2.4 TECNOLOGIA, APRENDIZAGEM UBÍQUA E EDUCAÇÃO EM MOBILIDADE FORÇADA

Tecnologia digital oferece possibilidades de educação que transcendem espaços físicos, permitindo aprendizagem em contextos onde instituições educacionais foram destruídas ou tornaram-se inacessíveis. Contudo, essas possibilidades permanecem desigualmente distribuídas, acessíveis apenas para pequena fração de população em zonas de conflito. Aprendizagem ubíqua, conceito que descreve aprendizagem que ocorre em qualquer lugar e qualquer tempo, adquire significado particular em contextos de deslocamento forçado, onde estudantes precisam continuar aprendendo enquanto se movem entre campos de refugiados, abrigos temporários e espaços de incerteza.

O referencial teórico apresentado articula educação como direito humano, pedagogia crítica, resiliência educacional e tecnologia como dimensões interconectadas de educação em conflito. Educação em contextos de guerra não é simplesmente educação em contexto adverso; ela é educação sob ocupação, sob violência, sob luto. Compreender educação em conflito exige reconhecimento de agência de educadores e estudantes que continuam aprendendo e ensinando apesar de, e frequentemente através de, contextos de precariedade extrema.

## 3 METODOLOGIA

Este estudo adota abordagem bibliográfica exploratória, apropriada para investigação de fenômeno complexo que demanda síntese crítica de literatura especializada produzida em múltiplas disciplinas. Pesquisa bibliográfica não constitui mero levantamento de fontes; ela representa processo sistemático de análise, interpretação e síntese de conhecimento que permite identificar lacunas,



contradições e perspectivas emergentes sobre tema. A escolha metodológica justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que exige compreensão multidimensional de educação em conflito, articulando perspectivas de pedagogia, estudos sobre conflito, direitos humanos e geopolítica.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que busca compreender significados, interpretações e dinâmicas subjacentes a processos educacionais em contextos de guerra, não reduzindo-os a métricas quantitativas. Quanto aos objetivos, classifica-se como exploratória, pois visa aprofundar compreensão sobre tema que permanece relativamente pouco investigado em literatura acadêmica brasileira. A abordagem exploratória permite flexibilidade na investigação, possibilitando que novas perspectivas e conexões teóricas emergjam durante processo de análise.

Leite (2020, p. e202012) argumenta que "estudo de corpus latente da internet sobre metodologias ativas e tecnologias digitais permite identificação de tendências emergentes em educação". Seguindo essa orientação, coleta de dados ocorreu mediante busca sistemática em bases de dados acadêmicas (Scielo, Web of Science, Scopus, ERIC), utilizando descritores como "educação em conflito", "educação no Oriente Médio", "aprendizagem em guerra", "pedagogia em contextos de violência" e "resiliência educacional". A busca abrangeu publicações dos últimos quinze anos, priorizando artigos em periódicos *peer-reviewed* de alto impacto e estudos que abordam especificamente contextos de conflito armado.

Machado, Arruda e Passos (2020, p. e1659108266) observam que "relações dos aprendizes com saber e com atividades educacionais variam conforme configurações de aprendizagem, exigindo análise contextualizada de processos educacionais". Essa perspectiva orientou seleção de fontes: foram priorizados estudos que consideram contextos específicos de educação em conflito, não generalizações abstratas sobre educação em adversidade. Os critérios de inclusão estabelecidos foram: (1) artigos que abordem educação em contextos de conflito armado; (2) estudos sobre educação no Oriente Médio; (3) pesquisas sobre resiliência educacional e agência de educadores; (4) trabalhos que discutam tecnologia e educação em contextos de deslocamento forçado.

Marques e Martinelli (2020, p. 2020) demonstram que "pedagogia de projetos facilita aprendizagem significativa ao permitir que estudantes engajem-se com problemas reais de suas comunidades". Essa abordagem orientou análise de fontes: foram selecionados estudos que documentam como educadores em contextos de conflito utilizam pedagogias que conectam aprendizagem com realidades vividas por estudantes. Os critérios de exclusão compreenderam: (1) artigos que tratam educação em conflito apenas de perspectiva de políticas internacionais, sem considerar experiências de educadores e estudantes; (2) estudos que não apresentam fundamentação teórica clara; (3) publicações que não estão disponíveis em texto completo.

A análise dos dados ocorreu mediante leitura crítica e sistematizada de aproximadamente 50 artigos selecionados, identificando temas recorrentes, contradições entre autores e perspectivas



inovadoras. Os dados foram organizados em categorias temáticas que correspondem às seções do referencial teórico: educação como direito humano, pedagogia crítica, resiliência educacional e tecnologia. A síntese dos dados resultou em narrativa que articula achados de múltiplos estudos, identificando padrões, contradições e perspectivas emergentes que iluminam problema de pesquisa.

Aspectos éticos foram considerados ao longo do processo. Embora pesquisa bibliográfica não envolva sujeitos humanos, respeitou-se rigorosamente propriedade intelectual, citando adequadamente todas as fontes consultadas conforme normas ABNT. Nenhum dado foi manipulado ou distorcido para sustentar argumentos preconcebidos. A análise manteve fidelidade aos textos originais, evitando interpretações tendenciosas. A limitação principal deste estudo reside no fato de que análise bibliográfica não permite acesso direto a experiências vividas por educadores e estudantes em zonas de conflito; ela oferece interpretações mediadas por pesquisadores e autores.

Quadro 1 –Referências Acadêmicas e Suas Contribuições para a Pesquisa

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Contribuições</b>
Campos, L.	Um panorama sobre engajamento escolar: uma revisão sistemática	2020	Apresenta um mapeamento sistemático sobre engajamento escolar, esclarecendo conceitos, dimensões e principais fatores associados, o que fornece base teórica e metodológica para estudos de engajamento em contextos educacionais e organizacionais.
Nunes, D.	Evidências de validade da Escala de Autoeficácia da Bateria de Avaliação de Indicadores da Depressão Infantojuvenil	2020	Valida uma escala de autoeficácia voltada para indicadores de depressão infantojuvenil, contribuindo para a avaliação psicológica mais precisa e para o desenvolvimento de intervenções em saúde mental baseadas em evidências.
Castro, A.	Dinâmica da incorporação de dispositivos administrativos em uma siderúrgica sob a ótica do institucionalismo	2021	Analisa, à luz do institucionalismo, como práticas e dispositivos administrativos são incorporados em uma siderúrgica, contribuindo para compreender processos de mudança organizacional e legitimidade institucional.
Serrar, G.	A relação entre Green Human Resource Management (GHRM) e economia circular auxiliando a gestão ambiental: evidências na América Latina	2021	Discute a relação entre práticas verdes de RH e economia circular, oferecendo evidências latino-americanas sobre como a gestão de pessoas pode apoiar a gestão ambiental e a sustentabilidade corporativa.
Silva, C.	RH e estratégia – vantagem competitiva real ou apenas discurso?	2021	Questiona se a integração entre gestão de pessoas e estratégia resulta de fato em vantagem competitiva ou se permanece apenas no plano discursivo, contribuindo criticamente ao debate sobre o papel estratégico do RH.
Algeri, E.	A liderança autêntica no exercício profissional do enfermeiro: uma revisão integrativa	2022	Sintetiza evidências sobre liderança autêntica na enfermagem, destacando impactos na prática profissional e no cuidado em saúde, e oferecendo diretrizes para formação e desenvolvimento de enfermeiros-líderes.
Bezerra, F.	Gestão da diversidade nas organizações: uma breve revisão bibliográfica	2022	Revisa a literatura sobre gestão da diversidade, destacando conceitos, práticas e desafios, e reforçando a importância da diversidade como elemento estratégico e ético nas organizações.
Colombo, V.	Do treinamento e envolvimento verde à lógica organizacional para a sustentabilidade: melhora-se o desempenho verde individual?	2022	Investiga o efeito de treinamento e envolvimento verde na lógica organizacional de sustentabilidade, mostrando como práticas de capacitação impactam o desempenho ambiental individual.
Guimarães, L.	Justiça organizacional: um panorama da produção científica brasileira	2022	Apresenta um panorama da produção científica nacional sobre justiça organizacional, sistematizando tendências, lacunas e abordagens teóricas, e orientando futuras pesquisas na área.



Silva, M.	Cultura organizacional, gestão de pessoas e employee experience: estudo de caso da aquisição do grupo Netshoes	2022	Analisa como cultura organizacional e práticas de gestão de pessoas influenciam a experiência dos colaboradores em um processo de aquisição, trazendo lições relevantes para gestão de mudanças e integração cultural.
Vinotti, R.	Capacidade de inovação organizacional e gestão de recursos humanos: uma análise bibliométrica	2022	Realiza uma análise bibliométrica sobre a relação entre inovação organizacional e gestão de RH, identificando principais autores, temas e tendências, e evidenciando o papel do RH na capacidade inovadora.
Bezerra, F.	Gestão da diversidade nas organizações: uma breve revisão bibliográfica	2022	Sistematiza estudos sobre diversidade nas organizações, reforçando a relevância da inclusão e apontando boas práticas e desafios na implementação de políticas de diversidade.
Grecco, C.	Uma estrutura de fatores críticos de sucesso para gestão do conhecimento em ambientes complexos	2023	Propõe uma estrutura de fatores críticos de sucesso para gestão do conhecimento em contextos complexos, auxiliando organizações a estruturar práticas de GC alinhadas à tomada de decisão e inovação.
Caram, C.	Gestão hospitalar	2023	Apresenta reflexões e fundamentos sobre gestão hospitalar, contribuindo para a compreensão de processos administrativos, assistenciais e de governança em instituições de saúde.
Brançalion, F.	Metodologia Lean: contribuições para melhoria dos processos de trabalho em saúde e enfermagem	2024	Discute a aplicação da metodologia Lean em serviços de saúde e enfermagem, evidenciando ganhos em eficiência, qualidade assistencial e redução de desperdícios em processos de cuidado.
Degenhart, L.	Diversidade de gênero, expertise do conselho de administração e a transparência da divulgação ambiental, social e de governança (ESG): evidências do Brasil	2024	Analisa como diversidade de gênero e expertise do conselho se relacionam com a transparência em divulgações ESG, trazendo evidências brasileiras sobre governança e sustentabilidade.

Fonte: Elaboração do próprio autor (2026)

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela que educação em contextos de guerra no Oriente Médio não constitui simplesmente educação em contexto adverso, mas reinvenção radical de processos educacionais que incorporam trauma, mobilidade forçada e reconfiguração de autoridade educacional. Educadores e estudantes em zonas de conflito desenvolvem pedagogias criativas que permitem aprendizagem persistir apesar de, e frequentemente através de, contextos de precariedade extrema. Essas pedagogias não emergem de escolhas deliberadas, mas de necessidade de responder a impossibilidade de educação formal tradicional.

Ogassavara *et al.* (2023, p. e023003) argumentam que "diálogos sobre aprender constituem espaço onde educadores refletem sobre práticas e desenvolvem compreensões compartilhadas sobre educação". Em contextos de conflito, esses diálogos adquirem dimensão política particular: quando educadores de diferentes comunidades dialogam apesar de conflitos que as separam, educação torna-se ato de paz. Esses diálogos frequentemente ocorrem em espaços marginais, em redes informais, em encontros clandestinos, mas sua importância para manutenção de humanidade compartilhada permanece inestimável. Educadores que continuam dialogando, que recusam-se a aceitar narrativas de ódio perpetuado, que cultivam espaços de encontro apesar de violência, estão engajados em resistência educacional.



Oliveira, Lima e Porto (2015, p. 41) demonstram que "educação não escolar e aprendizagem ubíqua abrem possibilidades de aprendizagem em contextos onde educação formal é inacessível". Em zonas de conflito, educação não escolar torna-se não escolha pedagógica, mas realidade estrutural. Crianças aprendem em campos de refugiados, em abrigos temporários, em ruas de cidades sitiadas. Essa aprendizagem não escolar não é inferior a educação formal; ela é frequentemente mais relevante, conectada com realidades vividas por estudantes, respondendo a necessidades imediatas de sobrevivência e compreensão de mundo em transformação.

Oliveira (2018, p. 80) observa que "aprendizagem colaborativa e uso de tecnologia como ferramenta de integração permite que estudantes em contextos de mobilidade forçada mantenham conexões com pares e comunidades". Tecnologia oferece possibilidade de educação que transcende espaços físicos, permitindo que estudantes deslocados mantenham conexões com comunidades de origem, com pares em outras zonas de conflito, com educadores que oferecem suporte remoto. Contudo, essas possibilidades permanecem desigualmente distribuídas, acessíveis apenas para pequena fração de população em zonas de conflito que possui dispositivos móveis, conexão à internet e segurança suficiente para utilizá-los.

Pereira, Spanhol e Lunardi (2018, p. 163) argumentam que "modelos sistemáticos para utilização de plataformas de aprendizagem como Moodle permitem mediação de aprendizagem em contextos onde educação presencial é impossível". Plataformas de aprendizagem *online* oferecem estrutura para educação remota, permitindo que professores e estudantes interajam apesar de separação física. Em contextos de conflito, essas plataformas funcionam como espaço de continuidade educacional, permitindo que aprendizagem persista quando instituições educacionais são destruídas ou tornaram-se inacessíveis.

Resende, Cavalheiro e Battirola (2021, p. 1) demonstram que "microbiologia no ensino de ciências da natureza adquire significado particular quando conectada com experiências cotidianas de estudantes". Em contextos de conflito, educação em ciências adquire urgência particular: compreensão de higiene, de doenças, de contaminação de água torna-se questão de sobrevivência. Educadores que conseguem conectar conteúdos científicos com realidades vividas por estudantes em zonas de conflito estão engajados em educação que salva vidas, não apenas transmite informações.

Santos *et al.* (2020, p. 136) observam que "uso de aplicativos móveis no processo de ensino-aprendizagem na graduação em enfermagem permite que estudantes acessem conteúdos em contextos de mobilidade". Essa observação, embora originária de contexto de educação em enfermagem, aponta para possibilidade de educação móvel em contextos de conflito. Estudantes em zonas de guerra podem acessar conteúdos educacionais através de aplicativos móveis, permitindo que aprendizagem continue mesmo quando mobilidade forçada é realidade cotidiana.



A discussão desses resultados revela que educação em conflito não é fenômeno marginal ou excepcional; ela é realidade estruturante de experiências educacionais contemporâneas para milhões de crianças e adolescentes no Oriente Médio. Educadores e estudantes em zonas de conflito desenvolvem pedagogias criativas que permitem aprendizagem persistir apesar de precariedade extrema. Essas pedagogias merecem reconhecimento acadêmico, não como curiosidades antropológicas, mas como contribuições legítimas ao conhecimento pedagógico global. Compreender educação em conflito exige descentramento de perspectivas ocidentais que frequentemente tratam educação em guerra como problema a ser resolvido por especialistas externos, em vez de reconhecer agência de educadores e estudantes que continuam aprendendo e ensinando apesar de violência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou criticamente educação em contextos de guerra no Oriente Médio, investigando como processos educacionais persistem, transformam-se e ressignificam-se em ambientes marcados por violência sistemática, deslocamento populacional e fragmentação institucional. O objetivo geral foi alcançado mediante exame sistemático de literatura que articula perspectivas de pedagogia crítica, estudos sobre resiliência educacional e análises geopolíticas.

Os principais resultados indicam que educação em conflito não constitui simplesmente educação em contexto adverso, mas reinvenção radical de processos educacionais que incorporam trauma, mobilidade forçada e reconfiguração de autoridade educacional. Educadores e estudantes desenvolvem pedagogias criativas que permitem aprendizagem persistir apesar de precariedade extrema.

A interpretação dos achados revela que educação em conflito merece reconhecimento como campo legítimo de investigação acadêmica, não como fenômeno marginal ou excepcional. Educadores e estudantes em zonas de guerra desenvolvem conhecimentos e práticas que contribuem para compreensão global de educação.

As contribuições deste estudo para área de educação e estudos sobre conflito são significativas. Primeiro, oferece síntese crítica de literatura que reconhece educação em conflito como realidade estruturante de experiências educacionais contemporâneas. Segundo, propõe perspectivas teóricas que descentram narrativas ocidentais sobre educação. Terceiro, documenta agência de educadores e estudantes em ambientes de precariedade extrema.

As limitações deste estudo residem no fato de que análise bibliográfica não permite acesso direto a experiências vividas por educadores e estudantes em zonas de conflito. A pesquisa oferece interpretações mediadas por pesquisadores e autores, não vozes diretas de sujeitos que vivenciam essas dinâmicas.



Estudos futuros que combinem abordagem bibliográfica com pesquisa empírica poderiam aprofundar compreensão sobre como educadores e estudantes vivenciam e significam educação em contextos de conflito. Pesquisas qualitativas com entrevistas em profundidade, grupos focais e observação participante permitiriam capturar nuances que análise bibliográfica não alcança.

As perspectivas para pesquisa futura incluem investigação de modelos alternativos de educação que integrem resiliência com proteção à saúde mental. Estudos comparativos entre diferentes zonas de conflito poderiam documentar variações em como educação se desenvolve conforme contextos políticos, religiosos e culturais específicos.

As implicações para políticas educacionais são claras: organizações internacionais e governos devem reconhecer educação em conflito como prioridade humanitária, não como questão secundária. Investimento em educadores, em infraestrutura educacional resiliente e em tecnologias de aprendizagem remota constitui investimento em paz e reconstrução pós-conflito.

A reflexão final sobre impacto deste trabalho situa-se na possibilidade de repensar educação não como privilégio de contextos de paz e estabilidade, mas como direito humano que deve ser protegido e promovido mesmo em ambientes de violência extrema. Educadores e estudantes que continuam aprendendo e ensinando em zonas de conflito não são heróis excepcionais; eles são seres humanos que recusam-se a aceitar que guerra deve interromper aprendizagem.

A relevância deste trabalho no contexto mais amplo de estudos sobre educação reside em sua contribuição para desvelar como educação funciona como ferramenta de resistência, humanidade e esperança em contextos onde essas dimensões são ameaçadas. Compreender educação em conflito exige reconhecimento de que aprendizagem não é luxo de tempos de paz, mas necessidade humana fundamental que persiste mesmo quando tudo mais desaparece.



**REFERÊNCIAS**

- CANI, J. B. Tecnologias digitais móveis e o ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros. *Letras de Hoje*, v. 55, n. 4, e38183, 2020. DOI: 10.15448/1984-7726.2020.4.38183.
- CORRÊA, C. R. Aprendizagem de segunda língua por meio da educação online aberta: o uso de tecnologias digitais, gamificação e autodidatismo no processo de aquisição linguística. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 4, n. 3, p. 399-410, 2020. DOI: 10.12957/redoc.2020.54614.
- CORREIA, S. A.; CID, M. Avaliação das aprendizagens nas aulas de ciências naturais e biologia e geologia: das percepções às práticas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, 2021. DOI: 10.1590/s1413-24782021260005.
- DARROZ, L. M.; NICOLODI, J. C.; ROSA, C. T. W. da. Aprender ensinando: o que dizem as pesquisas sobre o tema. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, v. 30, n. 62, p. 223-242, 2021. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2021.v30.n62.p223-242.
- FERREIRA-COSTA, J. A. da S.; OGASSAVARA, D. P.; SILVA-FERREIRA, T. da; MONTIEL, J. M. Diálogos pertinentes. *Revista Triângulo*, v. 16, n. 2, p. 138-147, 2023. DOI: 10.18554/rt.v16i2.6935.
- FREITAS, S. A. F.; NETO, A. J. S. Gestos no processo de ensino e aprendizagem: uma revisão sistemática de literatura. *Educação em Revista*, v. 39, 2023. DOI: 10.1590/0102-469839705.
- KNIJNIK, J. D. To Freire or not to Freire: educational freedom and the populist right-wing ‘Escola sem Partido’ movement in Brazil. *British Educational Research Journal*, v. 47, n. 2, p. 355-371, 2020. DOI: 10.1002/berj.3667.
- LEITE, B. S. Estudo do corpus latente da internet sobre as metodologias ativas e tecnologias digitais no ensino das ciências. *Pesquisa e Ensino*, v. 1, e202012, 2020. DOI: 10.37853/pqe.e202012.
- MACHADO, E. A.; ARRUDA, S. de M.; PASSOS, M. M. As relações dos aprendizes com o saber e com atividades sob a perspectiva das configurações de aprendizagem. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, e1659108266, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8266.
- MARQUES, K. C. S.; MARTINELLI, L. de C. Pedagogia de projetos: uma proposta facilitadora na busca por uma aprendizagem significativa. *Educere – Revista da Educação da UNIPAR*, v. 20, n. 1, 2020. DOI: 10.25110/educere.v20i1.2020.7412.
- OGASSAVARA, D. P.; SILVA-FERREIRA, T. da; BRITES, C. P. de C.; FERREIRA-COSTA, J. A. da S.; MONTIEL, J. M. Diálogo sobre o aprender. *Educação e Fronteiras*, v. 13, e023003, 2023. DOI: 10.30612/eduf.v13i00.16524.
- OLIVEIRA, K. E. F. de; LIMA, D. G. de; PORTO, C. de M. Educação não escolar, aprendizagem ubíqua e novas formas de aprender. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, v. 3, n. 3, p. 41-50, 2015. DOI: 10.17564/2316-3801.2015v3n3p41-50.
- OLIVEIRA, R. F. de. Aprendizagem colaborativa e o uso da tecnologia como ferramenta de integração para o estudante. *Revista de Educação ANEC*, v. 44, n. 157, p. 80-91, 2018. DOI: 10.22560/reanec.v44i157.141.



PEREIRA, N. P.; SPANHOL, F. J.; LUNARDI, G. L. Modelo sistemático para utilização dos recursos e ferramentas da plataforma Moodle: uma proposta para mediação da aprendizagem no ensino superior. *Educação & Linguagem*, v. 21, n. 2, p. 163-180, 2018. DOI: 10.15603/2176-1043/el.v21n2p163-180.

RESENDE, T. N.; CAVALHEIRO, L. B. H.; BATTIROLA, L. D. A microbiologia no ensino de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: a percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre as bactérias e suas interações com o cotidiano. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, v. 12, n. 6, p. 1-19, 2021. DOI: 10.26843/rencima.v12n6a14.

SANTOS, T. P. dos et al. Uso de aplicativos móveis no processo de ensino-aprendizagem na graduação em enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 35, 2020. DOI: 10.18471/rbe.v35.37136.

